

A teologia mística em Dionísio Pseudo Areopagita

Maria de Fátima Pina Lima⁴⁵

Palavras-chave: Dionísio Pseudo Areopagita; Mística; Neoplatonismo; Filosofia; Teologia.

Introdução

Sobre Dionísio Pseudo Areopagita, não se sabe muito ao seu respeito. É sabido que o autor do corpus dionisianum foi confundido durante muito tempo com um apóstolo ateniense convertido por São Paulo no Areópago, mas que, no entanto, teria sido, na verdade, um monge sírio que viveu entre o final do século V e início do VI d.C. Tornou-se conhecido por possuir uma grande influência na teologia cristã através de seus quatro tratados: Hierarquia Celeste, Hierarquia Eclesiástica, Sobre os Nomes Divinos e Teologia Mística, além das dez cartas que complementaram o seu corpus.

Para esse nosso estudo, nos deteremos, exclusivamente, na sua obra Teologia Mística. A Teologia Mística, por sua vez, é o último dos quatro tratados escritos por Dionísio. Nesse tratado, o autor apresenta a sublime forma de conhecer Deus, bem como em que consiste a união mística como uma experiência que transcende o conhecimento. Sobre essa união, Bernardo Guadalupe afirma:

Essa união, superior às faculdades racionais, é apresentada como o ingresso na bruma do desconhecimento - a luz divina é tão forte que nos deixa no escuro. Mas nessa escuridão nos unimos a Deus, fazendo desaparecer a dualidade sujeito-objeto. (GUADALUPE, 2005, p.93)

Na Teologia, ainda, o Areopagita expõe três formas possíveis de conhecimento de Deus:

- 1) Teologia afirmativa ou catafática: através de muitas palavras.
- 2) Teologia negativa ou apofática: através de poucas palavras.
- 3) Teologia Mística: através do conhecimento sem palavras.

Para explicar essas três formas possíveis de conhecimento, o Pseudo-Areopagita se apropria do método neoplatônico, tomando como síntese entre o uno, pensado como princípio do qual todas as coisas emanam, e Deus, em seu aspecto de transcendência, constituindo uma unidade teórica que faz convergir elementos da metafísica grega e cristã; sobre isso observa Bernardo Guadalupe: “Deus é a causa de tudo, assim todas as coisas possuem algo da natureza divina” (GUADALUPE, 2005, p.93).

⁴⁵ Graduanda do curso Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe. Esse trabalho é parte do projeto de pesquisa, desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Cícero Cunha Bezerra, junto a COPES/UFS, intitulado Paganismo e Cristianismo nos primeiros séculos da era cristã.

Mas devemos recordar que Deus por ser a causa maior, transcende todas as coisas. Contudo, é preciso que seja negado toda atribuição dada a Ele, o qual é o ser superior a tudo, sendo necessária assim, uma forma de conhecimento elevado que, nesse caso, será descrito como conhecimento místico.

Referencial Teórico

Faremos uma análise interpretativa da obra original com notas de comentadores, focando, principalmente, na Teologia Mística in “Medievalia: Textos e Estudos” (1996), tradução feita por Mário de Carvalho.

Desenvolvimento

No primeiro capítulo da Teologia Mística, Dionísio nos explica o que é a treva divina. Esta é completamente intangível e invisível, só podemos alcançá-la pelo distanciamento (ekstasei) ou pela renúncia de tudo. Além disso, a treva, enquanto ocultamento revela também, os mistérios da teologia. Em continuidade, o Areopagita expressa que aqueles que forem desconhecedores da “luminosa treva”⁴⁶, acreditam ser capazes de manifestar a causa com seu conhecimento e os que creem que não há nenhuma substância acima dos seres são indivíduos presos à realidade empírica. Acrescenta ainda que os profanos deduzem que a causa acima de todas as coisas baseia-se em coisas insignificantes e defendem que esta causa não está acima dos aspectos divinos. Dionísio discorda disso e expõe que:

A ela devemos referir e dela devemos afirmar todos os atributos do que existe, por ser causa de todas as coisas, mas com mais razão se lhe devem negar todos eles, na medida em que ela ultrapassa a realidade de todas as coisas. Não por supor que as negações se opõem às afirmações, mas antes por que a causa é de longe anterior e superior às privações, e está acima de tudo o que seja aférese e atribuição. (AREOPAGITA, 1996, p.13).

O segundo capítulo do tratado reconhece a treva divina como o ápice do conhecimento de Deus. No entanto, paradoxalmente, é abstendo-se do não-conhecimento e da visão que torna-se possível conhecê-lo. Mas como contemplar um Ser que está para além de toda e qualquer contemplação? Dionísio afirma que é por meio da aférese, isto é, pela negação e expõe o seguinte à respeito disso:

Tal o artista que esculpe uma estátua ao natural, desbastando todas as excrescências [I 025 C] que entravam a contemplação pura da figura oculta, e apenas mediante essa aférese faz aparecer a formosura escondida tal como ela é em si mesma. (AREOPAGITA, 1996, p.17)

Todavia, devemos usar as negações contrapondo às atribuições, pois, como já foi dito, a causa está acima de todas elas. Cumpre dizer que contrapor não significa negar, mas

46 Teremos a oportunidade de tratar do aspecto paradoxal da linguagem como característica central do pensamento dionisiano.

confrontar no sentido de ir além da negação e afirmação. Estaríamos, desse modo, tratando da via unitiva que se dá pela supressão de toda oposição e afirmação.

Em sequência, no terceiro capítulo, Pseudo-Dionísio faz uma espécie de resumo das suas obras e finalidades. Os Esboços Teológicos, obra perdida, se concentra os principais aspectos da teologia afirmativa; trataria sobre a natureza divina, a trindade e também sua unidade. Já nos Nomes Divinos, o autor ocupa-se de falar da inteligibilidade designando os nomes divinos como já diz o título da obra. Temos assim, o caráter afirmativo e simbólico da linguagem em sua função predicativa. Por fim, a Teologia Simbólica, obra também perdida, abordaria as metonímias a fim de compreender como através dos sentidos gera-se uma conformidade com o divino. Dionísio esclarece que as duas primeiras obras foram escritas com mais brevidade que a última, pois ao se referirmos de forma simbólica a Deus, fazemos o uso de muitas palavras, já quando nos referimos de maneira positiva, usamos poucas palavras. Isso acontece pelo fato que, argumenta o autor “as palavras, quanto mais nos erguemos até ao que é elevado, mais se limitam numa visão de conjunto das realidades inteligíveis.” (AREOPAGITA, 1996, p.21).

O autor acredita ainda que ao entrarmos na treva, esta que está além do inteligível, nos esbarramos com uma completa privação de palavras e de entendimento. Dessa forma, podemos afirmar que há dois tipos de movimentos que, aparentemente se contradizem, mas se que autodefinem como caminhos possíveis de acesso ao que, em si mesmo, não pode ser conhecido. O primeiro é que no descer do discurso às coisas ínfimas, a palavra se amplia, já no segundo movimento, à medida que o discurso sobe das coisas ínfimas às transcendentais, a palavra se contrai e, desse modo, se une ao Inefável. Entretanto, torna-se necessário estabelecer isso como princípio. O Pseudo-Dionísio expõe:

[...] quando partimos do princípio mais elevado, estabelecemos sobre Deus afirmações e quando partimos das coisas procedemos por negações, (pois), ao termos em vista o que está para além de toda a afirmação, tínhamos de fundamentar os nossos pressupostos afirmativos a partir do que lhe é mais conatural; enquanto que, ao ter em vista o que está acima de toda a aférese, temos de proceder por eliminações, negando os aspectos que lhe são mais alheios. (AREOPAGITA, 1996, p.21)

Em vista disso, há uma diferença entre a teologia afirmativa e a teologia negativa. Enquanto a primeira possui conaturalidade entre o que a linguagem diz e a realidade que é dita, a segunda se distancia da realidade que é dita e o que a linguagem diz. Porém, cabe destacar que não podemos desprezar nem nos fixarmos em apenas uma delas.

No quarto capítulo da sua Teologia, Dionísio cria uma descrição negativa a respeito de Deus a fim de explicar que a causa de todas as coisas não é dotada de sensibilidade. Sua

variação semântica abrange vinte e seis conceitos, algumas delas são: substância, inteligência, matéria, luminosidade, etc.

Por fim, o último capítulo reforça o anterior e aborda o inteligível. Se a causa de todas as coisas não é sensível, também não será inteligível. Logo, Dionísio nega que a causa possua alma, intelecto, pensamento, etc, incluindo em sua descrição negativa dimensões que transcendem o intelectível.

Segundo Mário de Carvalho, há uma filosofia do dinamismo neoplatônica contida na obra e é por esta razão que aparecem dimensões como afirmação e negação, tempo, luz, entre outras. A citação a seguir esclarece o que foi afirmado pelo escritor.

[...] nem sobre ela, em sentido absoluto, há uma afirmação ou uma negação [1048 B], mas quando fazemos afirmações ou negações das realidades que vêm na sua sequência a ela nada atribuímos ou negamos, pois que a causa, soberana e *uni ti v a*, de todas as coisas, está acima de toda a afirmação e acima de toda a negação, identificando-se na sublimidade d'Aquele que, simplesmente liberto de tudo, está além do universo das coisas. (AREOPAGITA, 1996, p.25)

Conclusão

Sua obra corpus teve um alcance imensurável e o tratado Teologia Mística serviu de inspiração para diversos autores. Adentrando no tratado, podemos notar a importante problemática sobre o entendimento da mística enquanto um processo de compreensão que exige, como forma de realização, a superação de toda objetividade ou redução de Deus às categorias do entendimento. Mas antes, lembremo-nos da afirmação de Gregório Magno na Homilia 27, “o amor é, em si mesmo, conhecimento”. Com base nisso, Hugo de São Vítor sustentou a ideia que o amor é superior ao intelecto. Essa ideia, porém, já era passada por Santo Agostinho em Confissões que abrangendo o tema “amor-conhecimento”, muitas vezes, ocultava a parte mais racional da teologia. Seria, no entanto, através do amor que se uniria a Deus, logo, permite ao homem que identifique Deus por uma faculdade que ultrapassa a inteligência, não necessitando assim de um esforço intelectual para conectarmos a Ele. A mística espiritual, por seu turno, serve como um atalho para a sabedoria, dessa forma, incentiva essa união a Deus por meio do amor. Já que o intelecto é ineficaz, o amor, sentimento ideal, é capaz de chegar à sabedoria e unir homem e Deus.

Entretanto, devemos mostrar também a ideia de união com Deus de uma forma mais intelectual, ou seja, de um conhecimento que há uma união com Deus e que ao mesmo tempo reconheça a incapacidade do homem ver Deus em seu estado físico, mas que o torna capacitado por meio da fé. Mestre Eckhart, por exemplo, combinou essa ideia de união intelectual através da alma com as teses da teologia negativa de Dionísio.

Por fim, Mário de Carvalho, cita vários autores que tinham respeito e que foram influenciados pelo Pseudo-Areopagita. Dentre eles estão Roberto Grosseteste, tradutor e comentador das obras de Dionísio; Tomás Gallus, que fez um comentário da Teologia Mística em 1242; Tomás de Aquino, que citou o Areopagita mais de mil e setecentas vezes em suas obras, dentre tantos outros que, de alguma forma, agradecem os ensinamentos trazidos por autor/incógnito que fez da filosofia neoplatônica solo de diálogo e construção de uma reflexão sobre a linguagem e Deus única e decisiva para a construção de parte da filosofia e da teologia oriental e ocidental.

Referências

- PSEUDO-AREOPAGITA, D.. Teologia Mística in: “Medievalia: Textos e Estudos”. Trad. Mário de Carvalho, Editora Fundação Eng. António de Almeida. Portugal, 1996. https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2004_07.pdf
- BRANDÃO, B.G.S.L. Mística e Paidéia: O Pseudo-Dionísio Areopagita. Artigo publicado na revista Mirabilia 4, 2005.